

A TRANSFIGURAÇÃO DO CORPO FEMININO NA CULTURA BRASILEIRA

*Cristina Maria da Silva*¹

RESUMO

Abordamos as imagens do corpo feminino na cultura brasileira. Toda fundação requer mitologias específicas, assim antes que a sociedade brasileira tivesse sua estrutura social em torno de um projeto político e econômico, esta recorreu a uma potência simbólica moldada na imagem do corpo feminino. Percebemos que este surge como um dos minúsculos fios textuais da cultura, passível de várias interpretações, dentre as quais optamos pela compreensão de seu valor histórico- social. Nos inspiramos nas análises de Maffesoli e Certeau. O corpo feminino assume nesse texto diversas cores que marcam o “trajeto antropológico” do imaginário do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE

Corpo Feminino, Mito Fundador e Cultura Brasileira

Introdução

“A especialização do tipo físico e moral da mulher, em criatura franzina, (...), sensual, (...) gorda, prática e caseira, nas sociedades patriarcais e escravocráticas, resulta em grande parte dos fatores econômicos, ou antes, sociais, que a comprimem, amolecem, alargam-lhe as

¹Socióloga. Departamento de Ciências Sociais – Universidade Estadual do Ceará.
(crimasbr@yahoo.com.br).

ancas, estreitam-lhe a cintura, acentuam –lhe o arredondado das formas para melhor ajustamento de sua figura aos interesses do sexo dominante.”

(Gilberto Freyre, 1961,p. 96).

Propomos uma construção analítico-compreensiva sobre a apropriação do corpo feminino na cultura brasileira. Consideramos que cada cultura elabora diferentes respostas para as suas necessidades sejam elas concretas ou simbólicas. Nossa investigação busca analisar a visão sobre a apropriação do corpo feminino, mostrando o quanto esta não surge apenas como uma manchete das páginas nos noticiários contemporâneos ou como foco de uma “violência simbólica”, tão apregoada pelos estudos feministas. Percebemos que este surge como um “texto cultural” passível de várias interpretações, dentre as quais optamos pela compreensão de seu valor histórico-social, por entendermos que este encarna os indícios que fazem o corpo social. Observamos as dimensões mí(s) ticas do corpo feminino na consciência coletiva brasileira através destes fios de nossa cultura tendo como referencial a análise discursiva e o entendimento da *sociedade como um texto*, princípio teórico metodológico, sobretudo de CERTEAU (1994).

Toda fundação requer mitologias específicas, assim antes que a sociedade brasileira tivesse sua estrutura social em torno de um projeto político e econômico, esta recorreu a uma *potência simbólica* moldada na imagem do corpo feminino. Percebemos que este surge como um dos minúsculos *fios textuais da cultura*, passível de várias interpretações.

Assim, como *conexões imaginárias*, nossas análises apresentam a apropriação do corpo feminino em alguns de seus possíveis sobressaltos. O corpo feminino escondido, revestido de trajes ou desnudo, traz em si os vestígios das transformações culturais onde se insere. Através de uma dimensão mí(s) tica do corpo feminino se expressa uma linguagem coletiva, integrando o caráter fundador da Nação, tendo em si, tatuado, os múltiplos discursos da cultura brasileira.

1. O Corpo Feminino como Mito Fundador da Sociedade Brasileira

Nas análises de SOUZA SANTOS (2000) é observado que em

geral as mulheres são tomadas de maneira mais acentuada pela imagem, assim como as sociedades também o são. Portanto, as sociedades quando usam seus espelhos o fazem mais sob o aspecto feminino do que masculino, mas seus espelhos não são de vidro, são suas instituições, normas e ideologias estabelecidas na esfera social.

Para o autor, os principais espelhos em uma sociedade são a informação, o direito, a educação, a religião e a tradição. Sendo assim, entendemos a informação como um meio disseminador de um dos espelhos da sociedade refletindo o que elas são. Assim, compreendemos que as informações sobre o Brasil, tanto do ponto de vista teórico quanto mediático, surgem atreladas a um imaginário social fundamentado numa apropriação do feminino sob a égide de lentes masculinas desde a travessia dos mares.

Todavia, para compreendermos a sociedade brasileira é sempre necessário recorrer ao seu passado devido à influência incomum de seus mitos de origem em sua composição. Precisamos retornar atentamente ao passado levantando questões que são vistas, muitas vezes, como evidentes, mas que chegam a ficar esquecidas.

Escrever para CERTEAU (1994), em sua “Economia Escriturística”, assumiu um intenso valor mítico, pelo menos, nos últimos quatro séculos. Aos poucos esta forma de expressão da linguagem tornou-se um dos maiores instrumentos da cultura ocidental de fazer sua história e de “Inventar” a História. Os mitos, enquanto discursos fragmentados articulando-se sobre as práticas heterogêneas de uma sociedade as congregam simbolicamente. O discurso, como movimento desliza na prática mítica da escrita. A origem não mais será observada nos fatos que se narram, mas na “atividade multiforme e murmurante” do texto e deste enquanto escritura na própria sociedade, ou melhor, na sociedade enquanto texto.

O “mito religioso” da leitura, somente foi possível no Ocidente pela relação fundamental deste com a Escritura que construiu sua realidade durante séculos: A “Bíblia Sagrada”. Com as mudanças e inserção de outros valores nas sociedades, a construção social da realidade em torno da Escritura foi abalada e fragmentada em múltiplas verdades. Esta transformação processou-se em toda a organização social, fazendo surgir novas modulações da linguagem e inscrições de novos “dogmas” ou leis no próprio corpo.

O corpo num longo processo histórico trouxe em si as marcas

do “dualismo psicofísico” de Platão; ainda que também o cuidado e o apreço pelas formas da cultura grega; o véu da sacralidade do ascetismo medieval que “exercitava” a mortificação da carne portadora da degradação e do pecado, enfim a dessacralização, com o Renascimento e a Idade Moderna. A filosofia cartesiana, embora ainda “divinizada” retira o véu do componente religioso do corpo quando considera a própria natureza nos seus aspectos físicos e biológicos.

Com as diversas formas de utilizar as escrituras através da Política, Economia, pela mídia ou pelos saberes articulados pelas produções científicas, percebemos que o corpo permanece sendo o papiro no qual as leis que regem as sociedades são escritas.

“Não há direito que não escreva sobre corpos. Ele domina o corpo. (...) corpos que devem ser marcados por um castigo e, pelo direito matrimonial, de corpos que se devem marcar com um preço nas transações entre coletividades. Do nascimento ao luto, o direito se ‘apodera’ dos corpos para fazê-los seu texto. Mediante toda a sorte de iniciações (ritual, escolar, etc.), ele os transforma em tábuas da lei, em quadros vivos das regras e dos costumes, em atores do teatro organizado por uma ordem social. (...) a lei se escreve sobre os corpos. Ela se grava nos pergaminhos feitos com a pele de seus súditos. (...) Com eles faz o seu livro”. (CERTEAU, 1994, p. 231)

Deste modo, o corpo permanecerá trazendo as marcas das discursividades, ainda que estas tenham modificado ou relativizado os seus repertórios. Os corpos dos sujeitos se tornarão espaços de criações múltiplas, encarnam mais do que nunca os saberes que são produzidos, “serão transformados em significantes das regras”. Os corpos individuais e coletivos entrelaçam-se, encarnando as pretensas verdades se novos modos de organização social: “O corpo se repara. Educa-se. Até mesmo se fabrica”. (ibidem: 234).

Através da “prática mítica” das escrituras nossa história sedimentou-se, e a visão sobre as mulheres foi montada como numa *colcha de retalhos*, nos quais as configurações estiveram marcadas mais pela égide do discurso patriarcal do que pela sua autonomia enquanto sujeitos e produtoras de seus próprios relatos. Podemos ver isso, por exemplo na Carta de Caminha, nos escritos de Gilberto Freyre, etc.

A questão da sexualidade no Brasil e os dispositivos discursivos sobre a mulher estão intrinsecamente relacionados com as representações sobre as origens e construção do Brasil. Quando visto pelo europeu este passou a carregar em si a força simbólica da “perda”

de seus valores, devido a exuberante sensualidade das mulheres, porém ao mesmo tempo do corpo feminino vinha o ventre gerador e originador da população brasileira.

A ênfase na sexualidade e na sensualidade das mulheres nativas, nos prazeres e no produto de seus corpos, difundiu o ideário de sedução das mulheres brasileiras. Isto se tornou crucial para a configuração dos mitos de origem e de sua difusão na sociedade brasileira contemporânea. Ou não terá, pois nexos com esse modelo cultural ideal, o fato de que segundo a Organização das Nações Unidas –ONU, pelo menos 75 mil brasileiras estariam sendo obrigadas a se prostituir somente nos países da União Européia²?

De acordo com estes dados, afirmados pelo então, Ministro da Justiça, José Gregori (No I Seminário Internacional contra o Tráfico de Seres Humanos) o Brasil tornou-se o maior “exportador” de mulheres escravas da América do Sul, ainda que esses números não sejam registrados oficialmente.

Deste modo, a fragmentação das imagens femininas seja nos discursos teóricos ou nos contornos nos meios de comunicação social, apresentam-se cobertas com os textos que escrevem a Nação, sendo, portanto atravessada pelas representações e fios que cortam a tessitura social. Enquanto *mito fundador* o corpo feminino estará na trajetória da Nação, assumindo diferentes modulações, pois como afirma Maffesoli: “*Tous le mythes de fondation font appel au nébuleux, au fluide, au mouvant. Avant de se solidifier em civilisation, la culture*”³. (MAFFESOLI, 2000).

Observamos que o processo de colonização brasileiro ocorreu por meio de uma aventura fálica, aqui entendemos o falo menos como algo reduzido aos órgãos sexuais do que como significante velado, regado pelo mundo dos desejos e da imaginação. O falo na teoria lacaniana em *Ecrits* é um significante que tem na economia intra-subjetiva da análise retirar o véu do objeto que ele preserva nas sombras, coberto pelos mistérios. A idéia de falo não se refere ao pênis, mas no viés da psicanálise do francês LACAN (1978) trata-se da simbologia de poder e potência

² Brasil Lidera Exportações de Escravas Sexuais. **Jornal O Povo**, Caderno Brasil. Fortaleza-Ce. 29. Nov.2000.

³ “Todos os mitos de fundação são chamados a nebulosidade, a fluidez, ao movimento. Antes de se solidificar em civilização, a cultura.”

eternamente ereta invadindo os espaços do (des) conhecido.

Assim, numa postura fálica, o português atravessou os mares e penetrou as terras ignotas do que seria chamado de novas terras. Sua postura fálica dificultou a compreensão do outro, da síntese entre o feminino e o masculino. Deste modo, temos como hipótese que o princípio das representações sobre o que seja feminino e masculino em nossa sociedade estejam marcados pela idéia da posse desde o momento de invenção de nossas origens. Ao nosso ver, o português atravessou os mares deixando no cais sua *anima*, entendida aqui numa aproximação da psicologia junguiana. .

O colonizador buscava apropriar-se de tudo o que se materializasse diante de seus olhos, incorporando ao seu patrimônio. O feminino na cultura européia estava, no tempo dos “descobrimientos”, fortemente marcado pelo fenômeno repressor dos processos inquisitórios e pela perseguição àquelas que eram denominadas bruxas. Eram assim denominadas as mulheres que fugiam dos parâmetros sociais daquela época, pois pesquisavam, conheciam ervas, estavam estreitamente sintonizadas com a natureza.

No chamado “Novo Mundo”, estes valores serão entrecruzados com as fortes imagens das diferentes formas de organização das formas sociais, atitudes, sentimentos e desejos. Os lugares do prazer estarão definidos pelos diferentes desejos e por uma tradição misógina herdada do Renascimento.

Antes da edificação do Brasil, a imagem feminina que impregnava a alma portuguesa era a das mulheres mouras, belas e morenas. Segundo Luís chaves (apud FREYRE, 1998), a figura da moura encantada era um tipo “delicioso” de mulher, morena e de olhos pretos. Estava envolta num misticismo sexual, vestia-se sempre de encarnado e estava sempre se penteando ou banhando-se nos rios ou nas “águas das fontes mal-assombradas”.

Isto fez com que a apropriação do corpo, o desejo pelo belo já estivesse ruminando no pensamento português, antes mesmo da travessia de nossos mares. Com isso, o corpo feminino esboça-se como um texto cultural no repertório de Brasil enquanto Nação, unindo o tecido social de uma “mística pagã”, de uma aura coletiva que tem, essencialmente, neste uma “harmonia conflitual” ou um “bambo equilíbrio de antagonismos”.

Ao nosso ver, a imagem do corpo feminino enquanto *mito funda-*

dor oscila entre arquétipo ou tipo ideal da idéia de posse e da formação da imagem da nação como configura a idéia do cuidado de si. E simultaneamente é possível elemento de uma “ética da estética”, ou seja, um laço social imaginário, lúdico e hedonista. Em síntese, a apropriação do corpo feminino não é algo recente, mas tem em nosso imaginário um caráter essencialmente fundador. Consideramos que estes aspectos estão alojados em nosso consciente ou inconsciente coletivo. No que concerne este conceito nos reportamos à contribuição durkheimiana, pois sua insistência no holismo e na “comunidade de idéias” inerentes à vida social são imprescindíveis e atuais para a compreensão sociológica.

Reconhecemos que, seja através da imagem publicitária, televisiva, impressa ou mesmo a teórica, no que se refere ao corpo feminino há uma preocupação com a atualização e reinvenção de mitos. Isto pode ser visto na construção de uma *História para o Brasil* pelo historiador Francisco Adolfo de Varnhagen e em sua ratificação dos relatos de Pero Vaz de Caminha; no *Retrato da tristeza brasileira* de Paulo Prado e nas mitologias da “Democracia das Raças” de Gilberto Freyre.

No entanto, em Gilberto Freyre, principalmente em *Casa Grande & Senzala* (FREYRE, 1998) podemos ver, com mais ênfase, uma construção imagética *tipológica* que se fixou no entendimento da coletividade brasileira. Suas reminiscências e ampliação de seu discurso para uma linguagem coletiva universalizam os repertórios culturais brasileiros.

As imagens sobre o corpo feminino associado a um padrão de beleza e de uma sexualidade exacerbada inscrevem-se na linguagem de Freyre, e da mídia através de nossa programação televisiva, revistas semanais, grupos musicais, etc., como uma construção imagética discursiva que se sedimenta em representações coletivas que ultrapassam seus limites e passam a transcender a realidade. Mesmo não sendo a imagem da nação brasileira, mas inscrevendo-se como parte do quadro geral da sociedade, as ideologias em torno do corpo feminino são fios que se cruzam mí(s)tificando a cultura da qual fazem parte.

2. As Mitologias do Corpo Feminino na Historiografia

Ao analisarmos a historiografia dos tempos antigos, percebemos que os deuses gregos estavam intimamente ligados à vida das

idades. Sendo assim, homens e mulheres como responsáveis pela vida das cidades. Mulheres e homens assumiam funções específicas através de rituais para manter a integração social do grupo. Mesmo que as mulheres estivessem *a priori* excluídas do poder político, destinado somente aos cidadãos, estas assumiam uma “cidadania cultural”, como define ZAIDMAN (s/d) na *História das Mulheres na Antigüidade*.

Às mulheres cabia o gerenciamento da vida ritual e do sagrado, buscando manter a harmonia. A “raça das mulheres” estava, pois afastada dos sacrifícios sangrentos e das partilhas de carne, contudo, pertenciam a uma comunidade mais ampla, de que a cidade necessitava para existir, invocando nas entidades religiosas, preservando a mística de suas sociedades.

De modo semelhante, compreendemos que a apropriação do corpo feminino assume na cultura brasileira formas ritualísticas, reativando mitologias específicas e derramando em nosso processo histórico-social, uma potencialidade que se satisfaz com mistificações em nossa *aura coletiva*. Esta nos pequenos gestos e modos de apropriação do corpo o regará de sentidos. Assim nos afastamos das investigações redutoras do movimento feminista que sintetiza o corpo feminino na idéia de exploração e dominação, entendemos este como espaço de criação social e, portanto aberto às possibilidades de resistências e de novas representações.

O corpo feminino será uma *metáfora das gerações* que produzem seus sentidos de existir através da invenção das tradições. A partir de pequenas induções vamos percorrendo esse *manto de imagens* que envolvem o corpo feminino em nossa cultura, almejando uma compreensão maior de sua temática no texto social. Sendo assim, lançamos algumas contribuições históricas, ainda que de modo bem geral e sem intenções de fornecer uma estrutura linear dos processos que aqui são mencionados.

No período colonial, de modo geral esse corpo era coberto de valores religiosos que o marcavam pelos sentimentos de pecado e culpa. Era um palco onde se digladiavam Deus e o Diabo. Pela dificuldade de inserção do pensamento racionalizante na cultura portuguesa, o conhecimento que predominará na “economia das trocas lingüísticas” no Brasil-Colônia será o religioso, permeando o imaginário de sombras, encantamentos e aspectos flutuantes. O corpo então se encontrava enfeitado e desta forma foi invadido pelo discurso da Medicina, mergu-

lhado não na razão, mas regulado pela moral religiosa e esboçando isso nas suas percepções sobre o funcionamento do corpo feminino.

Essas mulheres, que aguçavam seu olhar buscando em seus quintais, nas hortas e nas diversas plantas os signos das práticas de cura e cuidados com o corpo, eram rechaçadas tanto pelos médicos quanto pelos religiosos, pois estes entendiam que o sobrenatural era privilégio para poucos e não para mulheres que invadiam seus espaços como curandeiras e benzedeadas. O conhecimento produzido sobre o corpo referia-se, principalmente à reprodução. Os receituários e manuais de cuidado com este eram, praticamente todos, marcados pelo interesse da “madre”, nome dado ao útero e pela busca de sua funcionalidade. O corpo feminino era um “receptáculo sagrado” que tinha apenas a finalidade de frutificar.

Consideramos que provavelmente o que predominava era a idéia de garantir o ventre gerador do que se tornaria, séculos depois, a Nação. De alguma maneira, a face sedentária poderia contribuir para a possível revelação que até hoje tem seu corpo em espetáculo, mas seu rosto velado. No entanto, estas observações sobre o ponto de vista histórico são apenas parciais, pois esse corpo, certamente, adquiriu múltiplos sentidos nas composições da vida cotidiana.

Dos corpos femininos exalavam temores e poder, pois estas (des) conhecidas eram consideradas verdadeiras aliadas do Diabo, enfeitiçadas e feiticeiras, como nos esboça Del Priore de modo bem esclarecedor:

“Essa ponte com o sobrenatural significou mais do que simples processos de cura na ausência de médicos e doutores; foi também oportunidade para as mulheres compartilharem saberes relativos aos seus corpos trazidos de áreas geograficamente tão diferentes quanto a África ou a Península Ibérica. Foi uma oportunidade de entrelaçamentos múltiplos, pois negras, mulatas, índias e brancas tratavam-se mutuamente, com gestos, palavras e práticas características de cada cultura. (...) As mulheres que praticavam curas mágicas souberam romper com este círculo asfixiante, restituindo a saúde e a vida. (...) Se evoluía contra o que considerava arcaísmos, ela não conseguiu, entretanto, desfazê-los. Presa à crença de que o corpo feminino era um espaço de disputas entre Deus e o Diabo, a ciência médica ratificava o pensamento mágico sobre os poderes do corpo da mulher”. (DEL PRIORE , 1997, p.113, grifo nosso.).

Nesse esforço geral, no entendimento de alguns dos movimentos do corpo feminino em nossa cultura, saltamos para algumas considerações de ALENCASTRO (1997) sobre a sociedade brasileira no Império. Ele nos mostra alguns aspectos elucidativos quanto ao corpo feminino.

Na Academia Imperial de Medicina, no Rio de Janeiro, o autor nos mostra, como em 1846 organizam-se várias publicações difundindo saberes sobre o corpo humano, com muitas ilustrações, fornecendo-nos um indício das pequenas tentativas do conhecimento científico de domar as práticas consideradas misteriosas e permeadas de feitiços, comum no meio popular. Nesta época difundiu-se também a idéia contraceptiva do coito interrompido que se espalhou nas discursividades dos médicos, mas também das meretrizes, sobretudo por volta de 1850.

No período do Império, vários panfletos de anúncios incentivavam o uso de dentaduras; o uso de perucas para esconder os cabelos pixaim, que muito nos lembram a febre de alisamentos difundidos principalmente nos programas de televisão atualmente; “Água dos Amantes”, que garantia embranquecimento em até cinco dias; anúncios de fotografos especializados em embranquecer as pessoas mulatas ou negras.

No período republicano, a associação entre o público e o privado teve sua expressividade através da figura da mulher. Esta oscilava entre a representação idealizada, a depreciação e a expressão cômica. Sonhos e expectativas cercavam a estranha República. As tentativas de representações positivas desta com a figuram feminina irão fracassar, a maior notoriedade será conferida às paródias em caricaturas visuais e verbais. Nestes discursos irão predominar a visão da mulher elegante ou mundana, solene ou doméstica, corrompida ou sedutora, sempre no jogo ambíguo entre o regime e a figura feminina. (SALIBA, 1998, p.290-365). No entanto esses jogos revestidos de comicidade trarão, segundo o autor acima citado, também uma possibilidade de escapar do modelo que fixava à mulher ao espaço doméstico.

Saltando sobre as fases lentas da historiografia, perceberemos que no período da ditadura militar no Brasil, o discurso repressor terá como campo de ação nas mulheres que ousaram adentrar as fronteiras da política o seu próprio corpo. A violência em si, como nos lembra COLLING (1997), que analisa esse período através de alguns depoimentos, consiste sempre numa forma de ação que se dirige ao corpo do indivíduo, buscando enquadrar seus gestos e suas condutas, um

Vigiar e Punir, diria Foucault. A confissão será uma das heranças cristãs que mais se difundirá como técnica para a obtenção da verdade, retirando-a da alma e do corpo.

Sendo o poder político, predominantemente masculino, as mulheres que arriscaram contestá-lo e tomarem os seus espaços sentiram no corpo a força do poder instituído. As formas de tortura, porém distinguíam-se, as mulheres eram, geralmente, encapuzadas, despidas e observadas silenciosamente e em alguns momentos, provocava-se ruídos, mas não há o contato físico. Somente os ruídos revelam um poder que vigia e pune aqueles que ousam enfrentá-lo, trata-se de um encontro íntimo e terrível com o poder, que se realiza culturalmente de forma distinta. Seu poder é exercido no corpo feminino por meio de uma *espetacularização punitiva e o ocultamento do rosto*.

Entendemos que na contemporaneidade esse corpo é coberto pela idéia do conhecimento de si, mas ainda com fortes traços patrimoniais, espaço de atuação da posse do outro, de tentativa de controle de seus gestos, sentimentos e atuação no delineamento de um “lugar social”. Claro, essas atuações geram oscilações dos lugares sociais e conseqüentemente novas cores e resistências desse corpo que também fala, na produção de discursos de contra-ordem. Os efeitos dessas minúsculas atitudes vistos, sobretudo na lentidão do cotidiano não são, geralmente perceptíveis num primeiro olhar, mas existem e, às vezes, numa *teatralização da submissão*, ou seja, nem tudo o que aparenta sujeição restringe-se a um campo de passividade.

O filósofo francês LIPOVETSKY (2000) identifica que nas sociedades ocidentais contemporâneas surgiu uma nova figura social feminina: a “Terceira Mulher”. Este define que pela primeira vez na história das mulheres o lugar feminino não é delimitado inteiramente pela ordem social e natural, mas tem sido estruturado pela lógica da “indeterminação social e do livre governo de si”. De modo tipológico, o autor define que a Primeira Mulher define-se como a Mulher Depreciada, aquela que é vista como diabolizada e, portanto é desprezada. A Segunda Mulher trata-se da Mulher Enaltecida, o Belo Sexo, a mulher adulada. *A Terceira Mulher* seria a *Mulher Indeterminada*, ou seja, uma mulher que oscila entre a autonomia de si e as desigualdades ainda existentes entre os dois sexos.

Neste terceiro milênio no Brasil, a mulher ainda convive com os sussurros do passado, que ainda orquestram os espaços de sua atuação e encobrem em brumas os aspectos de sua feminilidade e de

sua descoberta como sujeito. As mulheres no Brasil, talvez estejam tendo em suas mãos a “matéria-prima” para tear sua própria trajetória, no entanto, sua configuração no cenário social ainda não tem aspectos definidos, pois compreendemos que a própria nação não reencontrou sua *anima*.

O feminino ainda é regido pela *episteme* masculina. Os discursos culturais e as imagens sobre a nação brasileira definem espaços para o feminino, mais como extensões patrimoniais do que pelo incentivo à onipotência de si. Temos mais permanências do que rupturas e revoluções no plano da subjetividade. Podemos até estar mais abertos para mudanças na intimidade, contudo as vozes e as imagens da tradição ainda delimitam, de modo marcante, os domínios da intimidade.

Talvez seja necessário levantar o espesso *manto de imagens* criado em torno da figura feminina na cultura brasileira para que as mulheres possam distinguir seus relatos das discursividades elaboradas sobre elas. Erguer as cortinas do passado talvez seja promover uma transfiguração do real, seja demonstrar a *potência simbólica* que envolve o percurso não somente dos indivíduos, mas também do meio que construíram e que os modelam. Um teatro de sombras percorre nas veias da Nação moldando seu imaginário e os contornos que esboçam os universos masculino e feminino.

Por ter sido erigida num terreno cambiante e difuso a nação brasileira é tecida como um objeto de tapeçaria que elaboramos ao mesmo tempo em que somos arquitetados por ela. Homens e mulheres como artesãos seguram nas mãos linhas de bordado que podem ser como “*cordas que amarram ou rédeas que se deixam manejar*” (LUFT, 1996). Ou melhor, criam e recriam narrativas ao passo que convivem e se deparam com representações sociais que parecem ter vida própria com significados aparentemente transcendententes, ainda que sejam imanentes.

O filósofo alemão SIMMEL (1993) percebeu e transcreve-nos de modo sublime o quanto somos produtos do passado e como todo o nosso modo de sentir é condicionado pelas circunstâncias que nos rodeiam. Para o filósofo, a mulher teria em sociedade uma doação maior de si mesma do que o homem, pois nas relações entre os sexos, esta tende a pôr todo o seu eu, com todos os seus valores, cedendo a posse do que lhe é mais pessoal, quando o homem reservaria apenas uma parte de sua personalidade. E nos aponta: “*O comprometimento da mulher é infinitamente mais pessoal, mais pessoal, mais essencial, mais globalmente envolvente para o eu do que o do homem*”. (SIMMEL, 1993, p. 53; 56).

3. A Imagem Feminina Incrustada na Alma da Nação: O Corpo como o Divino Social

Através do corpo feminino plasma-se o brasileiro com a singularidade de várias raças e culturas dando uma conotação colorida a Nação. Analisamos que se a valorização do corpo, a observação do presente ligam o tecido social de uma “mística pagã”, estamos impregnados de uma aura coletiva que tem, essencialmente, no corpo feminino uma “harmonia conflitual”. O corpo feminino esboça-se como um texto cultural no repertório de Brasil enquanto Nação.

Na cultura brasileira o corpo feminino tem atuado como um dos mitos incrustados na alma da Nação. Contudo, numa sociedade do consumo este surge com sua significância social redimensionada na medida em que circula como “mercadoria simbólica”. Mas, se nas observações das feministas a cobrança das imagens de beleza das mulheres surge como um retrocesso a todas as conquistas que estas têm alcançado, questionamos até que ponto cabe fixarmos os significados do corpo feminino a coerções estéticas.

O corpo feminino é, portanto não uma imagem fixa, mas cambiante na cultura brasileira. É marcado pelo enraizamento patriarcal e patrimonial e o mito da democracia racial. Porém, o corpo reveste-se atualmente do cuidado de si, ou seja, da valorização estética através da artificialização do corpo, tendo na projeção das imagens de beleza não somente imposição, porém a onipotência sobre si na contemporaneidade, e pela recusa de aceitar aquilo que outrora foi visto como dado definitivo pela natureza.

O corpo feminino metamorfoseia-se, sendo assim, atentamos como sua linguagem tem delineando a “consciência coletiva” da Nação. Este mesmo quando delineado pela fragmentação das imagens femininas dando lugar à bunda ou aos seios siliconizados “cria comunidade”, ou seja, está entre esses laços que harmonizam, ainda que conflituamente a vida social. É envolvido de uma mística social, integra a fusão das raças e a nação encarnada.

Toda cultura tem seus rituais, através dos quais são reavivadas suas mitologias específicas. Estes na sociedade brasileira ganham maior expressividade através das produções discursivas e mediáticas, que são em essência imagéticas. A construção da nação e da nacionalidade brasileira terá suas matrizes psicossociais ornadas pelas imagens

“religantes” da Sexualidade, Carnaval, e do Futebol.

Enquanto “invenções culturais”, estas serão imagens ratificadas constantemente associados ao corpo feminino num mundo cada vez mais aberto ao imaginário e a fantasia. Sendo as mitologias as diferentes formas de manifestação do (In) consciente de um povo, percebemos como, principalmente os três aspectos acima citados, se fazem presentes na construção-síntese da coletividade da sociedade brasileira.

No entanto, mesmo *a idéia do cuidado de si* não é uma criação ou uma imposição mediática, contemporânea, esta se inscreve numa “história de longa duração”. Foucault, no terceiro volume da “História da Sexualidade”, propõe-se a analisar a idéia do cuidado de si. Para ele esta é uma concepção bem antiga na cultura grega. E o cuidado do corpo é indissociável do cuidado com a alma. Em Sócrates a temática aparece como uma advertência: Os homens não deveriam cuidar de suas riquezas, nem de sua honra, mas deles mesmos e de suas almas.

Assim, a “epifanização do corpo”, as preocupações com a qualidade de vida, as constantes cenas de academias lotadas, variados programas da mídia incentivando o cuidado de si, revelam-se como possibilidades de vínculos sociais. Inserem-se nos mitos existentes na cultura, em torno do corpo, (re) inventando-os. Deste modo:

“O deus não talhou como fez Fídias com sua Atenas de mármore, que estende para sempre a mão em que pousou a vitória imóvel com as asas abertas. Zeus ‘não somente te criou como também, além disso, confiou-te e entregou-te somente a ti’. O cuidado de si, (...) é um privilégio-dever, um dom-obrigação que nos assegura a liberdade obrigando-nos a tomar-nos nós próprios como objeto de toda a nossa aplicação”. (FOUCAULT, 1985, p. 53).

O corpo surge como um texto cultural assumindo uma função mitológica no interior da cultura brasileira difundindo-se como uma das imagens da Nação e da nacionalidade. Esboça-se como espaço de atuação do patrimonialismo, mas, também das possibilidades de práticas e astúcias, fundando micro-liberdades através das idéias do cuidado de si e de sua expressividade como uma distinta forma de poder. O corpo feminino assume no texto social diversas cores que marcam o “trajeto antropológico” do imaginário no Brasil.

Intuímos que exatamente por esta postura fálica, impregnada na nação brasileira, que haja tamanha sinuosidade na apropriação do corpo feminino, seja nos “devaneios ou invenções teóricas”, como nas

propagandas de cerveja, nas revistas semanais, etc. Historicamente a cultura ocidental fundamentou-se sob os pilares da masculinidade que se caracterizou pela transcendência da natureza, a objetividade e o rigor como forma de mapeamento da “harmonia conflitual” da natureza. Essa estratégia apolínea expressou-se principalmente através da palavra como estratégia de nomear para dominar. Enquanto isso, a força subterrânea das figuras femininas foi posta num “mundo de brumas”.

Segundo PAGLIA (1992), essa transferência do *locus* criativo da terra, do simbolismo da Grande Mãe, para o céu, pela tradição judaica-cristã, foi o caminho mais eficaz para a ocultação do espírito trágico no qual Apolo e Dionísio se encontram, se chocam e se contrapõem. A feminilidade não se constitui como garantia de força e viabilidade cultural. No entanto, esse deslocamento do culto da terra para o do céu transferiu a figura da mulher para um reino inferior, ainda que nunca extraindo totalmente seu poder na esfera do amor e da sensibilidade. Assim:

“Seus misteriosos poderes de procriação, e a semelhança de seus seios, barriga e quadris redondos como os contornos da terra, a põem no centro do simbolismo primitivo. Foi ela o modelo para as figuras da Grande Mãe que coroaram o nascimento da religião em todo o mundo. (...) A mulher era o ídolo da magia do ventre. Ela parecia inchar e dar à luz por si só. Desde o começo dos tempos, a mulher parecia um ser estranho. O homem cultuava-a mais a temia-a. Era o negro bucho que o cuspira para fora e voltaria a devorá-lo. Os homens, juntando-se, inventaram a cultura como uma defesa contra a natureza feminina.”(PAGLIA,1992, p.20).

A escrita, enquanto artifício e ausência, representou na formação de nossa cultura o adiamento da presença dessa alma feminina. Seu espaço ainda é configurado sob a égide do olhar masculino. A escrita, enquanto desdobramento da linguagem se expressa como forma de controle e dominação da (des) conhecida natureza, no intuito de domar seus movimentos de retirar seus véus. Assim, uma Nação fundada numa *aventura fálica*, não teve muitas chances de ter terra firme onde pisar, mas somente o território flutuante dos discursos e das imagens como projeções de possíveis rumos para sua travessia no tempo. Talvez por isso esse desejo tão constante pela enorme exposição do corpo feminino no conjunto cultural.

Esse “eterno retorno”, através da apropriação do corpo femini-

no, no inconsciente da Nação talvez seja uma forma de voltar ao “líquido amniótico” da “Grande Gaia”. Supomos que essa constante apropriação seja uma tentativa conflitual de estabelecer conexões, ainda não definidas com a alma feminina, sempre tão fugidia aos braços torneados da sociedade brasileira. O lado feminino da Nação é sempre suspeito, por seus “olhos de ressaca”, sempre misteriosos e, possivelmente, dissimulados.

Ao invés da “gana de concluir”, como disse em algum lugar Flaubert, sobre a constituição intelectual no Ocidente, apoiamo-nos numa concepção metodológica acariciante. Esta ao contrário de querer prender e domar, apenas escorre pelos contornos do corpo, se lança a estudar e compreender, pois como diz MAFFESOLI, (1996) somente um *pensamento vagabundo* poderia acompanhar a errância das imagens que modelam nossas sociedades.

ABSTRACT

We analyzed the images of the feminine body in the Brazilian culture. All foundation requests specific mythologies, like this before the Brazilian society had your social structure around a political and economical project, this fell back upon a molded symbolic potency, above all in the image of the feminine body. This appears like a one of the cultural texts. It can be understand of several point of views, but we chose the comprehension about his historical and social value in the Brazilian society. We are influenced for the Michel Maffesoli and Michel de Certeau theories. The feminine' body assumed in this text colors that has been marked the anthropological way of the imaginary in Brazil.

KEY WORDS

Feminine body, Foundation Myth and Brazilian Culture

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCASTRO, Luis Felipe de. Vida Privada e Ordem Privada no Império in *História da Vida Privada no Brasil: Império*. Fernando A. Novais (Org). São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ALTHUSSER, Louis. *Ler o Capital*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*: 1. Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COLLING, Ana Maria. "A Repressão e as mulheres: é no corpo que eles vão agir" In *A Resistência da Mulher à Ditadura Militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997.

DEL PRIORE, Mary. Magia e Medicina na Colônia: O Corpo Feminino In *História das Mulheres no Brasil*. Mary Del Priore (org); Carla Bassanezi (Coord). 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.

DIAS, Lucy; GAMBINI, Roberto. O Descobrimento uma aventura fálica: Mãe, cadê a mãe? In *Outros 500: Uma Conversa sobre a Alma Brasileira*. São Paulo; Editora Senac-SP, 1999.

FREYRE, Gilberto. A Mulher e o Homem In *Sobrados & Mucambos: Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 1º tomo. 3ª Ed. Rio de Janeiro; Livraria José Olympio Editora, 1961.

_____. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

JUNG, C. G. *A Natureza da Psique*. Petrópolis, RJ: Editoras Vozes, 1984.

LACAN, Jacques. *Escritos*. São Paulo: Ed. Perspectiva s.a, 1978.

LIPOVETSKY, Gilles. *A Terceira Mulher: Permanência e Revolução do Feminino*. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

LUFT, LYA. *O Rio do Meio*. São Paulo: Mandarin, 1996.

MAFFESOLI, Michel. *O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. *O Conhecimento Comum: compêndio de uma sociologia compreensiva*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

_____. *Elogio da Razão Sensível*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996(b).

_____. **Sur L'imaginaire Social** . < [http; www. univ-paris5.fr/ceaq](http://www.univ-paris5.fr/ceaq)> acesso setembro de 2000.

PAGLIA, Camile. Sexo, Violência ou Natureza e Arte In *Personas Sexuais: A Arte e Decadência de Nefertite a Emily Dickinson*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

PRADO, Paulo. Retrato do Brasil: *Ensaio sobre a Tristeza Brasileira*. Rio de Janeiro; F Briguiet e Cia, s.d.

PARKER, Richard G. *Corpos, Prazeres e Paixões. A Cultura Sexual no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Editora Best Seller, s/d.

SALIBA, Elias Thomé. A Dimensão Cômica da Vida Privada na República In *História da Vida Privada no Brasil*. Fernando Novais (Org). São Paulo; Companhia das Letras, 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Crítica à Razão Indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.

SIMMEL. Georg. *A Filosofia do Amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SILVA, Cristina Maria da. O Corpo Feminino como Mito Fundador na Consciência Coletiva Brasileira. *XII Congresso Nacional dos Sociólogos*. 1 a 4 de Abril. Curitiba-PR: Ed. UFPR, 2002.

ZAIMAN, Louise Bruit. As Filhas de Pandora: Mulheres e Rituais nas Cidades In *História das Mulheres no Ocidente*. A Antigüidade. DUBY, Georg; PERROT, Michelle (Org). Porto: Edições Afrontamento, s/d.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil. Antes da sua separação e independência de Portugal*. 7ª ed. São Paulo. Edições melhoramentos, 1962. (vol. I-II).